



Arte original: Glauca Nagem –“ Falatório 2” / Concepção e arte do cartaz: Maurício Simões / Web Designer: Ilana Chaia Finger

Prelúdio 1

A propósito do silêncio na função do analista

Parto de uma observação de Colette Soler em seu texto *Éticas*¹, que se refere a uma *ética convertida ao silêncio*, tanto para o desejo do analista quanto para o ato analítico, e sobre a qual a pergunta que Lacan faz é saber “como é que via de conversa da experiência analítica conduz a ela”². O próprio já havia advertido que não há palavra sem resposta, mesmo que esta se refira ao silêncio, enquanto houver um ouvinte³. Que o analista cale *em lugar* de responder é uma indicação que interessa a esse respeito. Entretanto, é esse *em lugar* que será preciso questionar, pois nele se enlaça a invocação da palavra e da voz.

Seria apenas uma questão de tática e estratégia ou isso se refere à política e à ética da psicanálise? Opto por essa segunda opção. O analista deve pagar com palavras e com sua

¹ Soler, C. (2025) *Éticas*. Apresentação do XIII Encontro Internacional da IF-EPFCL “A ética da psicanálise e as outras”. <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/rdv2026Argument.pdf>

² Lacan, J. (1960) Observações sobre o Relatório de Daniel Lagache. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 691.

³ Lacan, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 249.

pessoa, oferecendo com seu ato a possibilidade da entrada em análise. Recordemos: é essa oferta que permite a entrada em análise. Nesse *lugar* vacante, na *inovação* do espaço da palavra, a regra fundamental toma sua força possibilitando a associação *livre* na palavra do analisando. Sabemos que a liberdade tem um enquadre: o do fantasma, que, por definição, é a interpretação do sujeito diante do enigma do desejo... do Outro (*Che vuoi?*). O silêncio do analista opera, portanto, como uma incógnita para aludir ao desejo que interroga o analisante. Não é qualquer silêncio, não é ficar mudo, é um silêncio que pode estar habitado por perguntas precisas, pontuações, cortes, é, enfim, um silêncio operativo.

Dito de outro modo, o analista faz silêncio porque não pode responder na ordem do saber. A transferência definida como Sujeito suposto saber nos indica isso. O inconsciente estruturado como uma linguagem faz signo desse saber suposto que ao mesmo tempo divide o sujeito e provoca, por estrutura, que busque esse saber. É nesse movimento que o silêncio do analista promove a abertura do inconsciente, mas, como assinala Lacan em 1964, pode causar também o fechamento do inconsciente. É a presença real, *a. Presença do analista* índice do fechamento do inconsciente e do silêncio que interessa na análise: causa real. Aí onde a palavra já não tropeça para relançar o “que se diga”, mas bascula para o impossível de dizer.

Ao articular sua teoria dos discursos, imediatamente depois de se referir ao ato analítico, Lacan propõe que o analista deve colocar o objeto *a* no lugar do agente. O *a* é o matema (letra) que escreve o paradoxo do ato analítico: ao mesmo tempo causa e resto da operação. Como servir-se bem disso na operância⁴ psicanalítica? Certamente com o ato que inaugura a transferência. É assim que leio o que ele observa em uma conferência⁵ que deu quando se viu forçado a interromper seu Seminário 15, recorrendo à topologia da superfície de Moebius, afirmando que o analista não opera sobre a demanda do analisante, mas nesse espaço (torção) entre o *sujeito suposto saber* e o *sujeito suposto demanda*, precisamente por localizar aí a operância dessa *causa* “esse papel do objeto *a* que é de falta e de distância – e de forma alguma de mediação”⁶, o que testemunha que não há diálogo possível entre o sujeito e o Outro e que qualquer ideia de diálogo é um engano [*duperie*]. Esse “*em lugar*” que escrevi anteriormente, no qual o analista se cala, não é da ordem fenomenológica, mas se subsome na estrutura (quaternária) do discurso.

Não surpreende, então, que anos depois, em 1975⁷, ele tenha escrito no mesmo discurso no lugar do agente/semblante: dejetivo (silêncio). Agenciar com o silêncio esse laço social possibilita que o analista, a partir desse semblante de dejetivo (*a*), intervenha no condicionado do sujeito: “1. Por aquilo que ele enuncia” (saber inconsciente). “2. Por aquilo que ele não diz” (S1 no lugar do produto/mais-de-gozar). A resposta do analista é uma condição ética: silêncio,

⁴ Neologismo de Lacan. “ [...] *ce que le psychanalyste dirige de son action dans l'opération psychanalytique.* ». 22 de novembro de 1967. *Seminário 15; El acto*. Staferla, p. 13.

⁵ Lacan, J. Conferência de 19 de junho de 1968. In *Seminário 15 O Ato psicanalítico*, Escola de Estudos Psicanalíticos, edição não comercial.

⁶ *Ibid.*

⁷ Lacan, J. (1975). *Improviso sobre o Discurso analítico*. 2 de dezembro de 1975. Conferências nas Universidades Norteamericanas. Tradução Souza Jr, <https://escritosavulsos.com/1975/12/02/mit/>

causa, a. E é a oportunidade, a única, para que no infinito de uma análise se escreva – produção lógica – o finito: S1, o Um encarnado da *lalíngua*.

Uma pergunta e a aproximação provisória de sua resposta, a título de conclusão:

O silêncio e o *dizer*?

O silêncio na função do analista é concordante com o *dizer* de seu ato, desde que o meio-dizer da verdade seja o que subjaz à sua função. Essa é a tagalerice: pelo trabalho do saber inconsciente há chance de assombrar [*banter*] o Real. “A abordagem do real é estreita. E é por assombrá-la [*banter*] que a psicanálise se perfila”⁸.

Sandra Berta

26 de agosto, 2025

⁸ Lacan, J. (1970) Radiofonia. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.431.